



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10553 - Resumo Expandido - Pôster - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Formação de leitores: a presença das mediadoras de bibliotecas comunitárias no campo da educação

Sofia Tessler de Sousa - PPGEDU/UFRGS

Rosa Maria Bueno Fischer - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

FORMAÇÃO DE LEITORES: A PRESENÇA DAS MEDIADORAS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

O presente trabalho, inscrito em uma pesquisa de mestrado em andamento, busca estabelecer relações entre a presença das mediadoras de bibliotecas comunitárias e a dimensão de experiência nas práticas de leituras cotidianas. Trata-se, por essa via, de pensar como a mediação de leitura pode contribuir para a formação de leitores. Na intersecção dos campos da arte e da educação, este estudo aproxima-se das bibliotecas comunitárias da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, chamada *Beabah!*, a fim de escutar as mediadoras em torno das experiências de leitura em seus contextos de atuação.

A inseparabilidade entre a literatura e a vida nos insere em um campo de pensamento cuja complexidade dá lugar à multiplicidade dos modos de se relacionar com a leitura, a escrita e o objeto livro. Para Silvia Castrillón (2011), a atuação das bibliotecárias participa de uma luta ampliada “contra tudo o que restrinja a liberdade de pensamento e a liberdade de eleger entre opções que possibilitem uma vida digna (...)” (CASTRILLÓN, 2011, p. 41). Reconhecer “a biblioteca como uma presença” (PETIT, 2019, p. 198), através da atuação de mediadoras, vem sendo uma das lutas das bibliotecas comunitárias. Como nos aponta uma das mediadoras de leitura (2022) entrevistadas para esta pesquisa, “quem entra na biblioteca não precisa levar um livro para a casa e tampouco precisa só ficar lendo, é um espaço de encontro também. É um espaço de só estar”.

Dentre as problemáticas no campo da formação de leitores, encontramos tensionamentos referentes aos modos como nos relacionamos com a leitura, com a escrita,

à literatura e a biblioteca no contexto atual. Torna-se importante manter uma atenção constante às nuances contemporâneas em torno dos discursos voltados à leitura. Nesse sentido, considera-se um clima de indignação frente às recentes medidas para taxar os livros (2020) com o discurso de que “pobre não lê”, assim como às tentativas de retirada de livros da biblioteca da Fundação Palmares (2021) com as mais absurdas justificativas. Por essa via, também não podemos nos esquecer que outra forma de censurar livros é “fazer-nos acreditar que não os merecemos” (MANGUEL, 2020, p. 47). Em muitos contextos de bibliotecas comunitárias, fazem-se presentes discursos de que estes bens culturais não seriam de direito a estas populações, como se não pudessem ser objeto de interesse e de desejo (FERNANDEZ, 2019). Além disso, o escritor brasileiro Jeferson Tenório (2021) nos lembra que “tudo o que um governo autoritário quer é que a gente não imagine”. Frente a isso, a atuação das mediadoras nos aponta que abrir espaço na vida cotidiana para o encontro com a arte e a literatura na sua dimensão de experiência é uma necessidade humana (CANDIDO, 1988).

Diante da complexidade do contexto brasileiro, agravado pelas desigualdades e exclusões sociais, as bibliotecas comunitárias vêm se multiplicando ao longo dos anos, sobretudo nas periferias urbanas, tornando-se pontos de referência cultural para a comunidade na qual estão inseridas. Através de um trabalho continuado de enraizamento comunitário, estes equipamentos culturais nascem e se constituem na relação com as especificidades de cada contexto e com as singularidades do público que as frequentam, “com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social” (MACHADO, 2008, p. 64).

O compromisso ético de escuta da comunidade e a abertura à dimensão de experiência parecem ser eixos comuns que atravessam o campo da educação. Para Larrosa (2011), os educadores atuam como mediadores, cujo trabalho implica garantir o direito à fruição estética, exercitar o pensamento crítico, abrir espaço ao movimento incessante das interrogações, em suas palavras, “transmitir uma relação com o texto: uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietação e uma abertura” (p. 15). Para ele, o importante não é o texto em si, mas as relações que estabelecemos com ele, uma relação que passa pelo exercício de escuta. Por essa via, são muitas as aproximações possíveis nestes dois modos de mediação, seja em contextos de biblioteca comunitária, seja nas escolas.

A partir do que foi possível observar até este momento da pesquisa, o trabalho não se restringe à garantia pelo acesso ao livro, a presença das mediadoras contribui para que a leitura seja um direito de todos, com ênfase na leitura literária. Considera-se que, em contextos de biblioteca comunitária, a não obrigatoriedade da leitura amplia as possibilidades de se relacionar com ela. Segundo a pesquisa *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores* (2019), “a centralidade das mediações ocorridas nas bibliotecas comunitárias gira em torno da literatura, com práticas envolvendo a oralidade, a leitura e a produção escrita e que lazer, prazer e reflexão

integram essas práticas” (FERNANDEZ & MACHADO & ROSA, 2019, p. 83).

Dentre as articulações com a comunidade, encontram-se parcerias com escolas próximas de sua região. Deste modo, estabelecem-se encontros com professoras e suas respectivas turmas para leituras compartilhadas e outras ações culturais, seja nos espaços da escola, seja no deslocamento das turmas até a biblioteca. A partir das articulações entre escolas e bibliotecas comunitárias, o presente estudo desdobra um pensamento em torno da presença das mediadoras de leitura na formação de leitores e suas possíveis contribuições para o campo da educação. Assim, este trabalho nos instiga a pensar nos efeitos das mediações de leitura, quando a experiência com a arte e com a literatura provoca transformações em nossos modos de ler e de habitar o mundo.

Com uma abordagem qualitativa, trata-se de uma pesquisa-intervenção que recorre à composição de dois procedimentos metodológicos, quais sejam, a cartografia (ROLNIK, 2006; COSTA, 2020) e a montagem (ROGRIGUES, 2020). A cartografia apresenta uma dimensão ética e estética com o processo (COSTA, 2006). Enquanto percurso inventivo, o estudo visa acompanhar, escutar e registrar as práticas de leitura, na tentativa de compreender como acontecem as mediações, quais são os processos implicados na formação de leitores e como se dão as parcerias com outras instituições culturais e educacionais. Inspirada em um pensamento por imagens (DIDI-HUBERMAN, 2015), a montagem nos coloca vertiginosamente nas relações que podemos estabelecer entre as imagens e as palavras recolhidas das discussões teóricas e do material empírico, de modo a dar lugar às cenas que nos atravessam nas bibliotecas.

As discussões realizadas até então nos mobilizam a adentrar nas experiências de leitura (BARTHES, 2004; LOPES, 2003; LARROSA, 2011; PETIT, 2019) recolhendo seus efeitos para os processos formativos de leitores. Com o cuidado de não restringir à decodificação da palavra, a leitura como prática social atravessa todos os âmbitos da vida cotidiana, nos instigando a pensá-la desde uma compreensão crítica e ampliada. Nesse sentido, a ênfase encontra-se nas relações que estabelecemos com a leitura, ou seja, na multiplicidade de modos de ler *com*. A fala de uma mediadora de leitura, circunscrita à esta pesquisa, nos oferece alguns lampejos iniciais em torno desta questão. Ela nos diz: “A questão da leitura em si, a gente aprende a ler não só as palavras, mas a gente aprende a ler o mundo”. A vida aberta às suas múltiplas formas de ler e de escrever, em uma concepção ampliada de leitura, é uma das reivindicações pelas quais as bibliotecas comunitárias vêm atuando.

A experiência estética com a literatura, como um direito humano, nos convida a estar em relação com textos e imagens na sua força de abertura, de modo a evitar que a linguagem seja apenas um instrumento para apreender um sentido prévio. Para Silvina Rodrigues Lopes (2012), a literatura como experiência aproxima-se da dimensão de acontecimento. Em outras palavras, algo acontece quando o corpo leitor “deixa-se infinita e incansavelmente atravessar” pelas linguagens (BARTHES, 2004). A leitura, deste modo,

torna-se um processo complexo, em que aquele que lê está intimamente implicado nos modos de perturbar os sentidos já estabelecidos, incitar o pensamento e dar lugar ao imprevisível.

Por essa via, a presença do não-saber e do inesperado faz-se viva e participa dos processos de formação de leitores. Na medida em que ofertamos ao texto sentidos singulares, as palavras lidas também podem provocar no leitor e na leitora transformações em suas paisagens subjetivas. Neste sentido, ao folhearmos as páginas de um livro, o texto também nos lê, ou seja, nos devolve uma imagem (DIDI-HUBERMAN, 2015). Trata-se aqui dos gestos de leitura que se arriscam a ler *com* o texto de modo a torná-los mais próximos de nossas vidas. Na medida em que damos vida a um texto estamos também trabalhando a escrita de nossas próprias vidas.

Ao reconhecer que este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento, considera-se que as conclusões são provisórias e apontam para a complexidade nas relações entre a mediação de leitura e a formação de leitores. O que podemos desde já observar é a importância das ações culturais nos contextos em que as bibliotecas comunitárias estão localizadas para a formação de leitores e que as articulações com outras instituições, como as escolas, são preciosas para ampliar os espaços de experimentação da literatura. As trocas culturais, artísticas e educacionais em torno da leitura e da escrita nestes contextos possibilitam que cada sujeito leitor possa encontrar seus modos de ler e de participar das construções de sentido do texto, formando-se afetiva e subjetivamente nas relações que estabelece com a palavra e o mundo. Deste modo, as aproximações entre bibliotecas comunitárias e escolas, entre mediadoras de leitura e professores, reconhecendo suas especificidades e seus atravessamentos comuns, nos instiga nesta pesquisa a desdobrar um pensamento em torno da dimensão de experiência da leitura e suas contribuições para o campo da educação.

PALAVRAS-CHAVES: Experiência de leitura. Mediação. Biblioteca comunitária. Formação de leitores. Educação.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2004.
- CANDIDO, A. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever* - Tradução: Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

- COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, mai/ago, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- MACHADO, E.C. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2008.
- FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2019.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación*. México: Fondo de cultura económica, 2011.
- LOPES, Silvina Rodrigues. A literatura como experiência. In: *A literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.
- PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje* ; tradução de Julia Vidile - São Paulo: Editora 34, 2019.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/ Ed.UFRGS, 2006.